

## Capítulo 2

### Apropriação, Exclusão e Integração na História da Favela

Para analisarmos a relação entre a arte e contexto, é necessário considerar alguns aspectos do fundo sócio-cultural. Ao se examinar movimentos sociais e culturais nas favelas do Rio de Janeiro é importante ter em mente determinadas características da história dos morros e sua interação com o “asfalto”. Os problemas atuais da juventude da favela no Rio de Janeiro têm raízes na história social e política das relações entre da favela com outros setores da cidade. Esta breve narração não pretende de forma nenhuma ser um tratamento completo da história da favela, mas sim apontar para alguns aspectos que iluminarão o caminho deste estudo. Esses aspectos são: o sentido de divisão desenvolvido entre favela e “asfalto” e a dinâmica da exclusão, bem como o surgimento de movimentos sociais sediados nas favelas que visavam a enfrentar os desafios sociais associados a essa exclusão.

#### 2.1

##### Exclusão e Remoção: Afastamento Físico, Social e Cultural

As primeiras favelas surgiram no Rio de Janeiro no final do século XIX, e logo passaram a representar um “outro lado”, uma faixa separada da sociedade carioca. Além da exclusão dos serviços públicos como escolas e hospitais, gás, luz, saneamento básico etc, a favela (como se todas elas fossem uma coisa só) é percebida por grande parte da sociedade como elemento alheio. Alba Zaluar e Marcos Alvito apontam para essa “dualidade”, a diferenciação forte entre os outros bairros da cidade e a favela, fosse ela objeto da romantização dos poetas ou da desconfiança da burguesia, a favela sempre era

... o “outro”, distinto do morador civilizado da primeira metrópole que o Brasil teve. Lugar do lodo e da flor que nele nasce, lugar das mais belas vistas e do maior acúmulo de sujeira, lugar da finura e elegância de tantos sambistas, desde sempre, e da violência dos mais famosos bandidos que a cidade conheceu ultimamente, a favela sempre inspirou e continua a inspirar tanto o imaginário preconceituoso dos que dela querem se distinguir quanto os tantos poetas e escritores que cantaram suas várias formas de marcar a vida urbana no Rio de Janeiro.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Alvito, Marcos e Alba Zaluar, *Um Século de Favela*, p. 8

Sendo consideradas “à parte”, não integradas às demais áreas, não demorou as favelas serem percebidas, apesar de seu então pequeno tamanho e população esparsa, com desconfiança e medo pela polícia e alguns cidadãos. Com o perfil de “locais perigosos e refúgios de criminosos”<sup>13</sup> bem como pouco higiênicos, as favelas começaram cedo a inspirar planos de destruição, remoção e “limpeza”.

Proliferando em torno dos bairros residenciais mais populosos da Cidade, as favelas, aos poucos, foram transformando-se em núcleos marginais da sociedade, vivendo exclusivamente na base da mais completa ilegalidade. Desde a ocupação de terrenos – capítulo em que aparece a corrupção da fiscalização, ao fechar os olhos, mediante propinas, para permitir a construção de barracos – até as ligações elétricas clandestinas, o favelado torna-se um parasita do Estado, perante o qual, se não recebe favores, não tem deveres de espécie alguma. Vegetando na promiscuidade, essas populações formam um mundo à parte, sem direitos, mas sem obrigações. A utópica aspiração de urbanizar as favelas opõem-se os mais elementares princípios da lógica administrativa. O ideal não é estimular a favela, mas eliminá-la.<sup>14</sup>

Em seu estudo na década de 70, Janet Perlman ressalta que, além das alegações de delinqüência, criminalidade e falta de higiene, as favelas eram temidas também como possíveis berços de ação revolucionária ou radical, apesar de algumas pesquisas negarem essa tendência entre moradores e líderes comunitários. O fato de serem áreas populares, já então com uma população densa e numerosa, as colocou de certa forma em posição de suspeita. Essa “ameaça” representada pelas favelas foi aproveitada pelo governo e setores da classe média e alta para apoiar e justificar sua remoção. Ao contrário dessa apreensão predominante, Perlman sugere que não existia ali uma história de fomentação de movimentos radicais; de fato, não existiam nem os movimentos de resistência estudantis que surgiram, na verdade, em setores de classe média e alta<sup>15</sup>:

The profile of the *favelados* we have drawn in terms of awareness, involvement, conformism, and powerlessness-dependency, portrays a social group readily accessible to control and manipulation from above. Although the *favelados* do take an interest, and have participated in each political era to the extent demanded of them, they have never wielded any real power or had autonomy over their lives. The political subculture of the favela cannot be understood outside of the context of political repression.<sup>16</sup>

<sup>13</sup> Alvito, Marcos e Alba Zaluar, *Um Século de Favela*, p. 10

<sup>14</sup> Valladares, Lícia. *Passa-se Uma Casa*, cit., p. 33

<sup>15</sup> Perlman, Janet. *The Myth of Marginality*.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 191. “O perfil dos favelados desenvolvido aqui em termos de consciência, envolvimento, conformismo e impotência-dependência retrata um grupo social facilmente manipulado e controlado desde cima. Embora os favelados se interessem e participassem de todas as épocas políticas até o ponto requerido, nunca tiveram nenhum poder propriamente dito, nem nunca tiveram autonomia sobre

O desejo de excluir a favela e seus habitantes, por parte de alguns setores sociais e do governo, materializou-se em forma de políticas de remoção que visavam “limpar” os morros do Rio. O governo brasileiro desenvolveu e realizou tais políticas de remoção das favelas, nas décadas de 60 e 70, particularmente com favelas localizadas em ou próximas a áreas de alto valor imobiliário da Zona Sul e Centro. Pelo fato das favelas terem sido construídas em terrenos “não próprios”, as populações não possuíam respaldo jurídico para contestar ou oferecer alternativas a esse processo. A remoção ganhou mais força durante o regime militar, a partir de 1964, com o objetivo de destruir todas as favelas do Rio de Janeiro até o ano 1983. Nesse período, dezenas de milhares de famílias foram removidas de suas moradias, mais próximas aos familiares, conhecidos e emprego nas áreas mais abastecidas da cidade, para conjuntos habitacionais distantes com maiores custos de moradia e dificuldades de deslocamento. Estudos como os de Perlman (1976) e Valladares (1978) identificam efeitos prejudiciais para as famílias e propõem como resultado da remoção o aumento da violência e do crime nessas áreas, devido ao enfraquecimento das redes de apoio e diminuição das oportunidades econômicas e sociais.

As políticas de remoção foram uma afronta violenta aos direitos das populações das favelas em diversos sentidos. Embora apresentadas através da propaganda como uma ação que defendesse a saúde e segurança dos favelados, estudos como os de Perlman e Valladares não documentam o cumprimento dessas promessas. Além dos custos sociais e pessoais implícitos, as políticas de remoção constituíam uma divisão radical que reduzia drasticamente o acesso econômico e social, como também as formas de expressão individual e cultural. A implementação da remoção, além de ser por natureza invasora e desestabilizadora para a população das favelas, não levava em conta as necessidades e a integridade das pessoas atingidas. Nas favelas, as pessoas constroem e expandem suas casas para acomodar suas famílias, mantendo particularidades individuais e proximidade entre familiares e

---

as próprias vidas. A sub-cultura política da favela não pode-se entender fora do contexto da repressão política.”

amigos que formam redes de apoio. O comércio (lojas, serviços, bares) aflora em função das necessidades da população e cria espaços de desenvolvimento econômico e socialização. Isso contrasta abruptamente com a vida nos conjuntos habitacionais, compostos de prédios homogêneos com o comércio restrito e afastado. Projetos alternativos de urbanização, como o realizado pelo CODESCO (Companhia de Desenvolvimento das Comunidades) nas favelas de Brás de Pinto e Morro da União apontam para uma alternativa positiva, trabalhando individualmente com famílias para desenhar suas casas e instalar serviços públicos.<sup>17</sup> Recentemente, reflexões sobre as políticas de remoção de jovens oriundos das favelas foram captadas no documentário *Vida Nova, Sem Favela*, do *Nós do Cinema*, dirigido pelo jovem cineasta Luis Nascimento.

## **2.2 Mobilização Local Contra a Remoção**

É importante observar que a população das favelas não adotou uma posição passiva e sim ativa em relação à afronta representada pela estratégia da remoção. Várias das Associações de Moradores existentes hoje em dia foram fundadas em parte para responder a esse problema, além de outros grupos de resistência independentes. Deve-se notar também os desafios e perigos apresentados a esses tipos de confronto com as políticas públicas na época da ditadura.

A resistência à remoção teve um certo grau de sucesso nos primeiros anos, mas depois do golpe militar de 1964 não sobreviveu às táticas intolerantes e violentas do governo. Perlman relata que, em 1962, residentes de Nova Brasília realizaram uma manifestação de sucesso no Palácio de Guanabara, exigindo que o Governador assinasse uma petição garantindo que a favela não fosse removida. Após o golpe, a resistência à remoção foi extinta impiedosamente. Os moradores muitas vezes eram avisados da evacuação de suas casas e bairros com menos de 24 horas de antecedência, reduzindo o tempo para organizar resistência. Em 1966, na favela de Jardim América, a polícia atirou no meio de uma multidão de moradores e usou

---

<sup>17</sup> Perlman, Janet. *The Myth of Marginality*.

violência física contra as pessoas que de alguma forma se opuseram. Integrantes da FAFEG, a Federação de Associações de Favelas do Estado de Guanabara, formado por líderes de mais de cem favelas, foram presos ameaçados severamente por sua mobilização contra a primeira remoção de favela pela CHISAM em 1968, o que paralisou efetivamente as atividades da organização. Outro episódio de repressão ocorreu em 1969, quando a população de Praia do Pinto se recusou a cooperar com ordens de abandonar suas moradias. “Por acaso”, a favela foi destruída quase integralmente após esse episódio, em um incêndio ignorado (também inexplicavelmente) pelos Corpos de Bombeiros.<sup>18</sup>

Com o começo do governo Brizola em 1985, a prática da remoção foi em grande parte abandonada em função do apoio e da urbanização das favelas. Mas o “terremoto” representado por essa política foi devastador. Estudos como o de Perlman o consideram um fator decisivo no aumento dos índices de pobreza e exclusão, dos altos índices de criminalidade nas favelas de hoje e a problemática subsequente da juventude nessas áreas. O afastamento, físico e social, implícito nas políticas de remoção são um exemplo de exclusão por excelência, em que a população favelada do Rio de Janeiro foi sujeita a uma violação de direitos humanos, sociais e culturais. Ao mesmo tempo em algumas favelas essa força hostil semeou lideranças sociopolíticas locais.

### **2.3**

#### **Movimentos Sociais, Novos Desafios e a Ferramenta da Cultura**

A favela, bem como as políticas de remoção, tem uma forte relação com a problemática do *espaço* e do *território*, tanto em seu sentido físico como simbólico/cultural. Além do problema do espaço físico, como veremos com mais detalhes nos próximos capítulos, a exclusão propõe um problema de espaço social, colocando em questão a existência e a natureza da participação política, social e

---

<sup>18</sup> Perlman, Janet. *The Myth of Marginality*, 205-206.

cultural do morador de favela. Jailson de Souza, em seu artigo “Um espaço em busca de seu lugar: as favelas para além dos estereótipos” revela uma tendência do olhar público em perceber as favelas pela ausência, pelo que não possui, e em termos de sua ocupação de espaço na cidade:

Nas definições propostas, o elemento paisagístico é a variável que explica a favela, por excelência. Ela é contraposta a um determinado ideal de urbano, vivenciado por uma pequena parcela dos habitantes da cidade. Não é casual, então, que os espaços favelados sejam vistos como um espaço externo à pólis, ao território reconhecido como o lugar, por excelência, de exercício da cidadania.<sup>19</sup>

Com o processo de redemocratização nos anos 70 e 80 e o fim subsequente da repressão política do regime militar, nas favelas do Rio de Janeiro desenvolveram-se organizações populares e movimentos sociais “de base de comunidade”, muitas das quais trabalharam para assegurar diversos aspectos da cidadania aos moradores. Sediados nas favelas esses movimentos visaram fortalecer as comunidades de pessoas moradoras e assim promover diversos aspectos da cidadania (participação social e política) dos moradores.

Nos anos 80 e 90 surgiram desafios maiores, representados pelo crescimento do tráfico de drogas e pelo aumento de violência. A preocupação com o “jovem”, na faixa etária entre 15 e 24 anos, aproximadamente, toma um maior grau de importância nas metas das organizações comunitárias, que passaram a buscar com mais afinco formas de garantir a segurança e direitos de gerações futuras. Já existiam problemáticas importantes relacionadas à juventude: a falta de acesso a diversos bens e serviços – escolas de qualidade, atividades de lazer, profissionalização e oportunidades de emprego. Embora essas questões já existissem independentemente do narcotráfico, começaram a atingir uma maior urgência no debate local a partir do crescimento do envolvimento juvenil no tráfico de drogas.

A expansão do tráfico de drogas resultaria em um dos maiores desafios para a sociedade das favelas e, por consequência, para o trabalho de movimentos sociais. O tráfico de drogas existia nas favelas na forma de operações pequenas, de forma

---

<sup>19</sup> Souza e Silva, Jailson de. “Um espaço em busca de seu lugar: as favelas para além dos estereótipos”.

praticamente caseira, restritas à venda de maconha. Mudanças nas rotas do narcotráfico em escala global, com a chegada subsequente da cocaína no mercado carioca no final da década de 70 e início da década de 80, levou à rápida expansão do tráfico local no Rio de Janeiro, com implicações drásticas para as favelas onde estava (e ainda está) sediado. Com a entrada do comércio da cocaína houve um incremento de rentabilidade, o que contribuiu para a formação de facções, disputas de território, e conflitos entre traficantes e policiais – fatores que transformaram o cotidiano e a estrutura social das favelas.

O aumento da presença e da escala operacional do tráfico de drogas criou, entre diversas repercussões econômicas, sociais e políticas, uma série de preocupações para os movimentos sociais que buscavam fortalecer as comunidades faveladas. Entre outros fatores relacionados à violência e poder nas favelas, a *juventude* vira uma questão de maior destaque, convivendo com os conflitos com armas de fogo entre facções de traficantes e com a polícia. A proximidade à criminalidade também vira preocupação, na medida em que crianças e jovens são incorporados nas operações do tráfico de drogas. O período de conflitos intensos das facções entre si e com a polícia no ano 1993, é quando, segundo Dowdney, crianças e adolescentes começaram a substituir com mais frequência adultos presos e mortos, dando abertura para a entrada de mais menores no setor.<sup>20</sup> No estudo de Dowdney, que pesquisa um grupo de vinte e cinco menores empregados ativamente no tráfico, a média etária era treze anos e um mês.<sup>21</sup> Jovens contratado pelo tráfico, dependendo do cargo, podem ganhar salários muito superiores às alternativas oferecidas nos outros mercados de emprego formal e informal. Talvez o reconhecimento social associado com a vida do traficante, que traz um sentido de poder, além da atenção das mulheres, seja até mais atraente do que as possibilidades econômicas. Isso, junto com a cultura do consumismo promovido pela publicidade de roupas e objetos de marca além das condições financeiras de muitos jovens e suas famílias, contribuem para tornar o tráfico uma opção para alguns jovens apesar dos riscos de vida e

---

<sup>20</sup> Dowdney, p. 8.

<sup>21</sup> Dowdney, p. 9.

liberdade. Tal quadro faz com que o jovem seja uma preocupação principal de projetos de diversas orientações.

Podemos considerar que os primeiros movimentos sociais de base na favela voltados para a arte são as organizações de música e cultura popular. Os blocos e as escolas de samba têm uma forte presença na estrutura social e na vida cultural da favela desde o início do século, fazendo um papel importante na inspiração de movimentos futuros. Na década de 80, Alba Zaluar afirmou em seu estudo de Cidade de Deus que

Ao contrário da antiga visão oficial do samba como coisa de marginal passível de prisão, a qual ainda permanece até hoje no controle rígido exigido por várias repartições policiais da atividade de qualquer agremiação, o samba é visto pelo morador [da favela/ de Cidade de Deus] como um fator de ordem e melhoramento no local. Mas o desejo de melhorar a imagem da quadra sempre esteve misturado ao de alegrar e organizar o pessoal dali. O samba é, então, uma alegria que organiza.<sup>22</sup>

Zaluar identifica diversas maneiras nas quais o samba contribui tanto para a estrutura como para a qualidade de vida local. As organizações de samba são importantes nas relações externas (com o Estado, os políticos, o tráfico) e nas relações internas, criando espaços para lideranças e estruturação social. No nível local, as atividades dos blocos e escolas propiciam recreação, ânimo e prazer aos moradores, bem como a diversão e socialização dos jovens que, participando do samba, se afastam do crime. Além disso, seu valor no quadro da tradição local é significativo:

O samba é também uma herança que os homens deixam para seus filhos, com sua história, suas memórias, suas glórias. Fazer ou não uma agremiação na vizinhança é, portanto, uma escolha “racional”, consciente até certo ponto, e não mera adesão ao que já existe...<sup>23</sup>

Como no caso de movimentos sociais e culturais mais recentes, o elemento de memória (como veremos em detalhes mais adiante) é fundamental no processo de “construir pontes” entre o passado e o presente das experiências das favelas.

Arte e cultura continuaram a ser desenvolvidas como ferramentas de trabalho para uma solução ao problema da juventude das favelas do Rio de Janeiro. Ali,

<sup>22</sup> Zaluar, Alba. *A Máquina e a Revolta*, p. 185.

<sup>23</sup> Zaluar, Alba. *A Máquina e a Revolta*, p. 186, (cf. Dias Duarte, 1983)

diversos movimentos culturais e artísticos se formaram e se mobilizaram nas últimas duas décadas, respondendo à falta de acesso a determinados bens culturais. Alguns deles foram catalisados em parte pela urgência ligada ao tráfico de drogas e à violência crescente. Exemplos notáveis incluem a *Companhia de Teatro da Rocinha*, a *Cia. Étnica de Dança e Teatro* (Morro de Andaraí), o *Jongo da Serrinha*, a *CUFA (Central Única das Favelas)*, o *Reciclarte* (Niterói) e *Se Essa Rua Fosse Minha*<sup>24</sup>. De modo parecido com as atividades de samba observados por Alba Zaluar, movimentos baseados em arte e cultura se mostraram como maneiras eficazes de atrair, envolver, socializar e conscientizar jovens. Seja através da música (percussão, música clássica, samba, hip-hop, funk, etc.) teatro, circo, dança, rádio, graffiti, música ou cinema, cresceram como movimentos de base e expandiram. Nos anos 90 diversos movimentos passaram por crescimentos consideráveis, alguns contando com o apoio de instituições, empresas e/ou políticas públicas de incentivo à cultura e aos projetos sociais.

O *Afro Reggae* se situa dentro desse panorama, enquanto o *Nós do Morro*, fundado em 1986, antecipou um pouco a explosão da violência nas favelas da Zona Sul, portanto é considerado, de certa forma, um predecessor à nova geração de movimentos dos anos 90. O *Afro Reggae* se mobilizou inicialmente em reação a eventos específicos. No ano 1993 aconteceram duas chacinas, uma de crianças de rua, na Candelária, e outra de moradores da favela do Vigário Geral, em casas e espaços públicos. Essas tragédias tiveram como efeitos positivos a catalisação de uma variedade de mobilizações sociais dentro e fora das favelas. O *Afro Reggae*, depois da chacina de Vigário Geral, se aproximou à comunidade do bairro, onde iria implantar seu trabalho. O *Afro Reggae*, um grupo de voluntários que até então produzia eventos culturais e um boletim de notícias sobre a cultura Afro-Brasileira, e não estava ligado a nenhuma área específica, resolveu direcionar seu trabalho à comunidade de Vigário Geral. A intervenção partiu de oficinas culturais com o

---

<sup>24</sup> Essa Rua faz parte de uma categoria diferente, não sendo sediado em favelas e tendo direcionamento para jovens de rua.

objetivo de desviar jovens do tráfico e do subemprego por meio da arte e da educação.

O *Nós do Morro*, por sua vez, foi fundado em 1986 pelo ator Mato-Grossense Guti Fraga, que tinha estabelecido residência na favela de Vidigal. O objetivo de criar um teatro em e para o Vidigal não foi apenas envolver ou profissionalizar os participantes adolescentes, mas formar a platéia do bairro, para estimular a vida cultural da comunidade através dos espetáculos e o próprio ato de assistir. Juntando um grupo de jovens interessados, Fraga começou o teatro chamando artistas locais do Vidigal para colaborar nas produções do grupo.

Tanto o *Nós do Morro* como o *Afro Reggae* são referências dentro do cenário carioca de movimentos sociais ligados à juventude e cultura, por diversas razões. Entre eles, o envolvimento direto de jovens oriundos das áreas alvos, bem como a qualidade e originalidade das obras artísticas, que atraíram a atenção da imprensa e a conseqüente visibilidade na sociedade em geral. A iniciativa de parte dos movimentos para criar redes e parcerias que atravessariam setores distintos também aumentou sua relação e diálogo fora de suas áreas de base, no nível local, nacional e, inclusive, internacional.

## **2.4 A Cidade Partida?**

A percepção da favela pelo restante da cidade na época atual continua caracterizada pela divisão e pela exclusão, ou melhor dito – como costuma afirmar o sociólogo José de Souza Martins – a “inclusão perversa”, particularmente nos níveis social e cultural. Em sua dissertação *Vozes da Favela – representações da favela em Carolina de Jesus, Paulo Lins e Luiz Paulo Corrêa e Castro*, Luiz Eduardo Franco de Amaral ilustra algumas formas que as favelas

... seja de zona Sul, Norte ou Oeste, as favelas ainda simbolizam o obscuro, são buracos negros, guetos, áreas perigosas que são vistas apenas de passagem, à distância.

Ou então são os dormitórios dos serviçais, sejam eles porteiros, empregadas domésticas, vigias, garçons, frentistas de postos de gasolina, balconistas, atendentes,

secretárias, motoristas e tantos outros. E a propagação das histórias da favela se dá principalmente através da cozinha: é a empregada que conta para a patroa como os traficantes “barbarizaram” na madrugada anterior, por exemplo. “Aquilo ali tá virando um inferno”, diz a doméstica para a patroa, que recebe essa imagem da favela. E a propaga, previne os filhos para não se aproximarem, até carrega nas tintas para o quadro ficar ainda mais assustador. Mas na sexta-feira de madrugada, o filho mais velho vai pegar uns “papéis” nessa mesma favela, para curtir a noite “ligado”. Ele vai tranqüilamente até a boca, gasta seu dinheiro para comprar a droga que quer e sai, respeitado por ser cliente da boca-de-fumo, por levar para lá o dinheiro.

Esse é um dos mecanismos perversos de inserção da favela na cultura carioca. Há inúmeros outros. Se pensarmos na produção artística efetiva, perceberemos que a favela já invadiu o asfalto, e isso muito antes do fenômeno do funk, que há alguns anos contagiou a cidade. Porque há o samba, a capoeira, o partido-alto, o carnaval, festas tradicionais como a Folia de Reis, as religiões afro-brasileiras. A disseminação dessa cultura, mesmo que de maneira aparentemente subterrânea, aconteceu com uma força irreversível. De tal modo que é patético e maniqueísta lidar com a favela como se ela fosse a raiz do mal, o único refúgio dos bandidos e traficantes.<sup>25</sup>

Entidades em grande parte estranhadas, ignoradas ou caricaturadas, as favelas ao mesmo tempo que sofrem uma marcada diferenciação social e cultural, também contribuem para aspectos fundamentais à cultura da cidade.

Paralelo a esse paradoxo surge a questão da *Cidade Partida*. O livro desse título, do Zuenir Ventura, é fruto do contato do jornalista com a favela de Vigário Geral depois da chacina em 1993. A obra contribuiu para abrir novos diálogos, alguns decididamente polêmicos, sobre a condição da sociedade carioca e o conceito de divisão entre a favela e o asfalto, ressaltando a importância da mobilização das políticas sociais:

... nenhuma operação de força fará sentido se a expulsão da minoria delinqüente não se fizer acompanhar de uma ação de cidadania que incorpore socialmente a massa de excluídos do império – no caso, da república. Será uma questão de distribuição: justiça social para muitos e repressão para poucos. O perigo é continuar destinando a uns o que é devido a outros.<sup>26</sup>

A imagem articulada pelo autor, de duas cidades vivendo paralelamente, sem convivência, uma isolada da outra pelo pavor, é grifada pelos eventos relatado no livro:

Às duas manifestações anteriores da violência – a chacina de Vigário Geral e um mês antes o massacre dos oito meninos de rua na Candelária – se somava mais essa

<sup>25</sup> Amaral, Luiz Eduardo Franco de. *Vozes da Favela – representações da favela em Carolina de Jesus, Paulo Lins e Luiz Paulo Corrêa e Castro*, p. 20.

<sup>26</sup> Ventura, Zuenir. *A Cidade Partida*. P. 14.. Cit. Soares, Luiz Eduardo.

[o tumulto na praia causada por uma briga de jovens funkeiros]. Os três episódios estavam carregados de um intenso peso simbólico. Segundo o antropólogo Luiz Eduardo Soares, significavam ‘a violação de três espaços míticos, o espaço sagrado, o espaço doméstico, e o espaço do convívio democrático, a praia.’ A imagem da cidade apartada pelo medo reforçava a comoção social.<sup>27</sup>

Nesse contexto, o dilema dos jovens ameaça perpetuar as divisões nas gerações futuras. Luiz Eduardo Soares, por sua vez, argumenta que a dualidade social atinge os jovens pobres, particularmente negros, de tal maneira que eles se encontram em um estado de *invisibilidade* frente a sociedade.

A experiência dessa juventude que interpela a sociedade em busca de acolhimento e reconhecimento e, por excelência, a tragédia de sua invisibilidade, tragédia que, por sua vez, implica falta de sentido, lugar, inserção e outras faltas que vão desdobrando em todos os níveis- material, cultural, pessoal, afetivo – indefinitivamente.<sup>28</sup>

Outros pontos de vista vêm de escritos como o da Heloisa Buarque de Hollanda no breve ensaio “O declínio do efeito "Cidade Partida", que discute a intervenção de algumas formas culturais. Com uma ênfase na música funk, Hollanda também reconhece outras contribuições para a integração através de vias culturais, tais como a literatura de Waly Salomão, a moda de Bia Lessa para o grife Blue Man, e os filmes de Katia Lund.

Pode-se dizer, sem hesitação, que o efeito "Cidade Partida" não caracteriza mais a cultura carioca. Como observa Paulo Lins, no lugar das favelas (antigos similares das senzalas) surgem as neofavelas (atuais similares dos quilombos) com voz própria, beleza própria, inserção no mercado cultural e alto poder agregador.<sup>29</sup>

Essas linhas de interpretação estimulam um debate em torno do conceito de divisão na sociedade carioca. Esse dualismo, implicando barreiras geográficas e sociais entre rico e pobre, favela e asfalto, permanece rígido e imutável ou existem vias de comunicação e uma multiplicidade de relações entre grupos? Existem “comunidades” não definidas pela classe social ou bairros mas sim por interesses comuns entre indivíduos de origens diversas? E, se existem vias que questionam o conceito de dualidade nítida, quais são e como funcionam?

<sup>27</sup> Ibidem, cit., p. 88.

<sup>28</sup> Soares, Luiz Eduardo. “Uma Questão de Atitude: O Rappa e novas formas de intervenção política nas cidades brasileiras”, p. 56.

<sup>29</sup> Buarque de Hollanda, Heloisa. “O declínio do efeito "Cidade Partida", p. 1.

A psicóloga e pesquisadora Sílvia Ramos, uma das coordenadoras do *Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC)*, define alguns desses movimentos artísticos como “novos mediadores.” Segundo ela, o *Nós do Morro* e o *Afro Reggae* fazem parte dessa geração nova e singular cuja marca é a prática artística e performática. Embora ressalte as formas de ação e articulação heterogêneas, Ramos acredita que existe uma série de maneiras características e inovadoras que esses “novos mediadores” transitam entre áreas distintas:

A primeira [dessas características] é que eles têm fins lucrativos, diferente do bordão tradicional antiga das ONGs que era “sem fins lucrativos”.<sup>30</sup> Eles tem fins lucrativos e eles visam a alternativas em relação a emprego e renda a médio e curto prazo. Essa é a primeira coisa que caracteriza esses grupos de tudo que tinha sido feito antes na área associativa, sindical, política e de projetos. As ONGs [antigas] são grupos brancos de classe média fazendo alguma coisa para as pessoas pobres, são assessores. Esses grupos não, eles falam na primeira pessoa, de uma certa forma. Não tem um cara lá que está fazendo a mediação. Eles são os mediadores.

[...] Eles têm um elemento territorial muito forte. Tem uma idéia que “eu tenho o compromisso de mudar aqui o meu entorno,” mesmo que eles têm um elemento global muito forte – eles são muito globalizados, diferentes das ONGs antigas e do movimento de esquerda aqui no Brasil, que era muito nacionalista, muito localista, anti-americano, etc, [...] Eles têm uma combinação muito interessante do local e do global. São grupos que valorizam intermédio, viagem, intercambio; olham para o mundo, para fora das comunidades. E isso se combina de forma muito estranha com o compromisso com [...] o local que é o comunitário, que é aquela favelinha, aquela comunidadezinha [...] se articula de uma forma surpreendente com o global. Esses meninos não querem sair só para a Zona Sul, para encontrar o Caetano e a Fernanda Abreu. Eles querem sair para Europa, Estados Unidos, eles querem Internet... diferente do modelo, tanto da associação de moradores, como das ONGs assessoras “eu falo em nome de...”

[...]

Eles são mediadores entre essas comunidades e a sociedade, entre essas comunidades e o governo, entre essas comunidades e a mídia, entre essas comunidades e organizações de cooperação internacional. A Fundação Ford, ou o prefeito, quando quer fazer alguma coisa dentro dessas comunidades, faz por meio desses grupos. São embaixadores. [...] Se você quiser entender o que [os meninos da favela] sentem, o que vivem, você vai ser obrigado a falar com esses mediadores.<sup>31</sup>

Além dessas características, a pesquisadora destaca a “aposta no indivíduo, a valorização da subjetividade” característica desses grupos, que “só poderia ser realizado através do teatro, da música, da cultura e da arte,” pois apesar de práticas

<sup>30</sup> A *Companhia de Teatro Nós do Morro* e a *Afro Reggae Produções Artísticas (ARPA)*, são as entidades ligadas ao *Nós do Morro* e ao *Afro Reggae*, respetivamente. Vendem o trabalho dos grupos no mercado cultural profissional.

<sup>31</sup> Sílvia Ramos, entrevista à autora, 15/4/05.

como teatro e música serem realizadas em conjunto, fornecem, ao mesmo tempo, espaços para a expressão de talentos e capacidades individuais.<sup>32</sup>

O depoimento de Ramos aponta para algumas formas em que movimentos como o *Nós do Morro* e o *Afro Reggae* interagem com seu contexto através de mediações inovadoras entre diferentes setores. Desse ponto de vista, pode-se observar sua capacidade de ultrapassar fronteiras estabelecidas, questionando limites sociais, artísticos e políticos. Eles oferecem atividades originalmente radicadas dentro de favelas específicas que, através do alcance de uma qualidade artística, ganharam forte presença no cenário social e cultural carioca em geral. Diferenciam-se por diversos fatores, principalmente pelo desenvolvimento de obras originais ou adaptadas da autoria coletiva, além da visibilidade dentro e fora das áreas de base. Assim o *Nós do Morro* e o *Afro Reggae* contribuem não apenas para o crescimento individual dos participantes, mas para fortalecer ligações entre diversas camadas sociais, através (entre outros meios) dos três aspectos discutidos nos próximos capítulos. Esses aspectos promovedores da inclusão social, são: visibilidade e integração, discutidos aqui em termos de *espaço* ou *território* cultural; a expressão identitária e política; e a construção e manutenção da memória coletiva.

Esses dois movimentos, com suas linguagens e trajetórias distintas, mostram aspectos diferentes da inclusão e integração através da arte performática. Destacam-se pela maneira de criar espaços para a expressão própria que transitam entre “local” e o “global”, ao mesmo tempo apropriando-se das estruturas existentes para alcançar redes de integração social. Esse processo envolve formas tanto de distinguir e fortalecer identidades individuais, como de mostrar as semelhanças entre diversos grupos, aproximando as experiências de formas originais e surpreendentes.

É importante notar que os aspectos da história relatados neste capítulo não abrangem o grande espectro de particularidades e experiências individuais de todas as favelas cariocas. Seu objetivo se limita apenas a compreender o contexto histórico e

---

<sup>32</sup> Sílvia Ramos, entrevista à autora, 15/4/05

social dentro do qual movimentos como o *Nós do Morro* e o *Afro Reggae* foram semeados e cultivados. As fortes conotações de dualismo, separação, afastamento e negação de acesso implicados pelas políticas de remoção contribuíram para perpetuar a exclusão social e o sufocamento cultural da população das favelas. Embora lideranças locais tenham podido se fortalecer após a redemocratização, a eclosão do narcotráfico apresentaria novos desafios, intensificando o problema da juventude. A reflexão sobre a história, a memória e a herança coletiva influenciaria os jovens participantes de movimentos como o *Nós do Morro* e o *Afro Reggae*. Esse elemento possibilitou uma criação artística particular, inspirada e ligada ao contexto da favela, em vez de procurar espelhar formas de arte de outros contextos.

Nos capítulos a seguir são exploradas algumas formas em que as experiências do *Nós do Morro* e do *Afro Reggae* interagem com seu contexto e operam em sua função de “novos mediadores”.